

ENTRE TURISMO E ANTROPOLOGIA: REFLEXÕES DE UMA ESTAGIÁRIA DOCENTE

Vanessa Avila Costa¹; Louise Prado Alfonso²

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessaavilacosta@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma reflexão, a partir de minhas percepções, sobre o estágio docente que realizei na disciplina obrigatória de Antropologia, oferecida para as/os estudantes do primeiro semestre do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A disciplina foi ministrada pela Professora Doutora Louise Prado Alfonso, do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade, que também é minha orientadora na pesquisa da dissertação de mestrado intitulada “A prostituição na Pelotas Novecentista: as margens sob a ótica da Arqueologia da Paisagem”, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (área de concentração em Arqueologia). Esta pesquisa está inserida no Projeto de Extensão Mapeando a Noite: O Universo Travesti, que busca entender o universo das travestis que trabalham nas ruas das noites de Pelotas, especialmente as alocadas na região do centro da cidade, através de abordagens multidisciplinares que contemplem, junto aos estudos etnográficos, olhares voltados para a materialidade desse universo (ALFONSO, 2016) e no Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, ambos pertencentes ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). Portanto, como bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, realizei o estágio docente na modalidade de disciplina obrigatória no ano de 2018, já que este é um dos requisitos para o recebimento da bolsa, de acordo com a Portaria Capes nº76 /2010.

Também cabe salientar que, em minha pesquisa, me proponho a compreender a vida cotidiana das mulheres trabalhadoras sexuais da Pelotas do século XX e como estes passados são ressignificados no presente – grupo este que sempre foi invisibilizado pela narrativa oficial da cidade – realizando um mapeamento das casas e zonas de prostituição a partir do estabelecimento de diálogos com antigos/as moradores/as, atentando para as suas narrativas e a forma como descrevem a materialidade, e da análise de jornais onde tanto as casas de prostituição como as prostitutas são mencionadas, com o objetivo de realizar uma Arqueologia da Paisagem. A partir desta perspectiva, a paisagem é entendida como atuante na configuração das sociedades, imprimindo valores, normatizando e influenciando comportamentos, legitimando e naturalizando desigualdades, bem como exprimindo resistências, conforme SOUSA (2005, p. 295).

Portanto, sendo graduada em Arqueologia, o que me motivou à realizar o estágio na disciplina de Antropologia foram as trocas de conhecimento que teria com as/os estudantes do curso de Turismo e as reflexões do campo da Antropologia, que considero importantes para a minha pesquisa. Além disso, as discussões sobre o patrimônio entendido como uma seleção, atuante na construção de determinadas narrativas sobre Pelotas que privilegiam apenas um grupo social – as elites – (ALFONSO E RIETH, 2016), foram fundamentais para a formação dos futuros e futuras Turismólogas, pois proporcionaram o questionamento sobre os roteiros turísticos que são realizados na cidade.

2. METODOLOGIA

A disciplina se desenvolveu de forma a propiciar a dialogicidade entre professora, estagiária e estudantes. Primeiramente, foram debatidos em sala de aula algumas leituras do campo da Antropologia, com o objetivo de discutir teoricamente conceitos antropológicos chave para pensar a articulação com o Turismo. Nesse sentido, as/os estudantes assistiram o filme Diários de Motocicleta e produziram um trabalho escrito sobre ele, amarrando com os conceitos discutidos em sala de aula. Ademais, as/os estudantes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia também apresentaram seus trabalhos, que dialogavam com as abordagens teóricas pensadas na disciplina.

Após esta aproximação teórica, foram propostos exercícios práticos de campo, onde as/os estudantes puderam desenvolver as metodologias antropológicas discutidas. Esta ocorreu a partir da simulação de um roteiro turístico pela área central de Pelotas que exaltava o patrimônio da elite charqueadora e as suas narrativas, a fim de fazê-las/os pensar criticamente sobre estes roteiros e a forma como eles podem atuar na invisibilização de grupos sociais, reproduzindo a história oficial da cidade sem questionar, e também da proposta de ensaio etnográfico no Mercado Público de Pelotas, onde elas/es deveriam realizar um exercício de observação e estranhamento daquele lugar que é, para muitas/os, familiar (OLIVEIRA, 2000).

Ao final, foram realizados seminários acerca de textos específicos sobre Antropologia e Turismo. Além disso, as/os estudantes elaboraram etnografias sobre diferentes temáticas, lugares e contextos, para treinar o seu olhar antropológico.

Realizei, em todas as etapas da disciplina, uma observação participante. A observação participante consiste em uma técnica onde o(a) pesquisador(a)-observador(a), em sua atitude de estar presente com regularidade, passa a participar das rotinas do grupo social estudado, segundo ROCHA; ECKERT (2008). Portanto, me coloquei, também, como pesquisadora das dinâmicas que aconteciam dentro e fora de sala de aula, atentando para os discursos das/os estudantes, o dito e o não dito, seus comportamentos, emoções e inquietações, para compreender suas formas de conceber o mundo, de enxergar a si mesmo e ao/a outro/a, bem como suas transformações no modo de pensar e agir ao longo da disciplina.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em minha experiência como estagiária docente pude notar, logo nas primeiras aulas, a dificuldade das/os estudantes de se colocar no lugar do/a outro/a, de relativizar ao estar em contato com a alteridade (DA MATTA, 1981), principalmente quando a professora trouxe para o debate a temática da legalização do aborto. Grande parte das/os estudantes, principalmente as mulheres que eram mães, se colocaram contra a legalização. Então, a professora lançou algumas questões para que refletissem sobre os possíveis motivos que levam uma mulher a abortar e também sobre o mito do amor materno que, nada mais é, do que uma construção social, já que vivemos em uma sociedade patriarcal que associa a mulher ao âmbito doméstico e ao cuidado dos filhos e do marido. Considerei este um dos exercícios mais difíceis de relativização por parte das/os estudantes, não apenas por se tratar de um tema supostamente complicado, mas também porque estavam entrando a pouquíssimo tempo em contato com a Antropologia.

No decorrer da disciplina, a turismóloga e estudante do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Tanize Garcia, apresentou sua

dissertação sobre o Mercado Público de Pelotas. Assim, elas/es puderam compreender, a partir deste primeiro contato entre Antropologia e Turismo, as possibilidades de trabalhar com ambos os campos do conhecimento.

Também tive a oportunidade de apresentar meu projeto de pesquisa de mestrado em uma das aulas, o que veio a somar na minha experiência com a docência. Observei um desconforto por parte de alguns alunos e alunas enquanto falava sobre gênero, sexualidade, prostituição, LGBTQ+ e transidentidades, ao apresentar o projeto “Mapeando a Noite” e meu projeto de pesquisa. Ao mesmo tempo, eu e a professora consideramos importante a discussão destes temas em sala de aula para que elas/es pensassem sobre a forma como os discursos e a atuação de turismólogas/os podem “apagar” a história de grupos sociais que estão em processos de exclusão, reforçando preconceitos e a sua invisibilização e reproduzindo a história de uma elite branca, heterossexual e cisgênera. Um dos exemplos citados foi o da Fonte das Nereidas (patrimônio institucionalizado de Pelotas), que foi trazida da França no século XIX para o lazer das elites, que hoje constitui o local onde o batismo das travestis com seu “nome de guerra” é realizado. É importante ressaltar que, durante o passeio turístico simulado na Praça Coronel Pedro Osório, o chafariz foi apresentado e a história selecionada para ser contada, propositalmente, foi a da elite. Assim, após a reflexão sobre o roteiro por parte das alunas e alunos acerca da narrativa oficial de patrimônio de Pelotas, salientamos que podemos contar outras narrativas a partir do patrimônio institucionalizado da cidade, e que a tarefa da/o turismóloga/o é, portanto, trabalhar de forma engajada com as comunidades do presente, seguindo uma abordagem antropológica.

Como um dos estudantes era surdo, na sala de aula contamos, também, com a presença de intérpretes de libras. Por isso, achamos que seria fundamental trazer algum tema que o contemplasse e o inserisse de uma forma mais ativa nos debates, pensando na sua inclusão em sala de aula. A pesquisa apresentada foi o Trabalho de Conclusão de Curso do aluno do mestrado em Antropologia, Guilherme Rodrigues, sobre a Escola Especial Louis Braille situada em Pelotas, que foi desenvolvido na disciplina de Arqueologia Pública, pensando na forma como a cidade exclui as/os cegas/os dos locais ditos públicos, e também contou com o desenvolvimento de materiais sensoriais. O estudante surdo relatou suas experiências para seus colegas e da sua amizade com uma menina que é deficiente visual. Também falou sobre a importância de levar o TCC de Guilherme, desenvolvido na disciplina, para fora da academia. Na aula seguinte, pela primeira vez, o aluno comentou a aula anterior, indicou filmes e bibliografias que tratam de pessoas com deficiência e participou ativamente do debate. Consideramos, portanto, que pensar a bibliografia e as atividades a partir das demandas e particularidades da própria turma é extremamente relevante.

Outro trabalho que gostaria de destacar foi o da realização de etnografias no Mercado Público de Pelotas. Posso dizer, dessa forma, que realizei uma etnografia do trabalho etnográfico das/os estudantes. Observei elas/es, com seus diários de campo, olhando a movimentação bastante significativa para uma segunda-feira de inverno no show de reggae que estava acontecendo no local, atentando para o seu público, os cheiros do mercado, sua materialidade, seus dispositivos de controle (como as câmeras de vigilância) e para os animais que lá estavam convivendo com os humanos, enquanto escreviam. Alguns conversaram com as pessoas que estavam trabalhando e passeando no mercado, outros se detiveram apenas na tarefa de observar. De vez em quando, algum/a estudante se dirigia à professora e a mim, para contar sobre suas descobertas à medida que passaram a estranhar o lugar. Também relatavam as conversas que tiveram com

as pessoas que estavam no mercado. Além deste trabalho, os seminários que tratavam da relação da Antropologia com o Turismo proporcionaram uma troca de conhecimentos com os colegas sobre o estudo de caso apresentado e também fez com que refletissem sobre os conceitos de relativismo, alteridade e etnocentrismo.

As etnografias realizadas pelas/os estudantes foram sobre temas variados, como casas de religiões de matriz africana, o Encontro Regional Sul de Pessoas Trans, relação humanos e animais, salão de beleza, a rodoviária de Pelotas, o Mercado Público, homens casados que usam aplicativos de relacionamento, entre outros. A pluralidade de temas que, não necessariamente dialogavam com o Turismo, mas que traziam as discussões do campo da Antropologia, amarrando com os conceitos trabalhados, nos surpreenderam pela notável transformação no modo das/os estudantes compreenderem as relações sociais a partir de um olhar antropológico. Os ensaios etnográficos realizados sobre o Encontro Sul de Pessoas Trans partiram das reflexões do Projeto de Extensão “Mapeando a Noite”, através da participação de dois estudantes do curso de Turismo que passaram a integrá-lo logo no início da disciplina.

Cabe salientar que, ao final da disciplina, a temática da legalização do aborto foi novamente discutida e, dessa vez, as/os estudantes pararam para refletir sobre o porquê de uma mulher tomar a decisão de abortar, ao invés de julgar sem se colocar no lugar de quem realiza tal procedimento, e o papel que a Antropologia teve na mudança da sua forma de pensar e de conceber as relações sociais.

4. CONCLUSÕES

Consideramos que a disciplina proporcionou a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, onde as/os estudantes entraram em contato com teorias e metodologias próprias da Antropologia dentro da sala de aula, realizando exercícios práticos de campo e levando os conhecimentos adquiridos para suas pesquisas etnográficas, onde estabeleceram contato com a comunidade fora da academia. Como estagiária docente, tive a oportunidade de refletir sobre estas práticas de ensino, pesquisa e extensão universitária e pude compreender a relação entre Turismo e Antropologia, o que contribuiu para a minha formação acadêmica. Esta relação estabelecida entre os dois campos do conhecimento também foi fundamental para as/os futuras/os turismólogas/os que passaram a articulá-los em suas pesquisas, aproximando os cursos de Turismo e Antropologia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO, L. P.; RIETH, F.M.S. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. SCHIAVON, Camen Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia. (Org.). **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios**. Rio Grande: Editora da FURG, p. 131-147, 2016.
- ALFONSO, L. **Mapeando a noite: o universo travesti**. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos, p. 1-5, 2016.
- DA MATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ECKERT, C; ROCHA, A. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO e GUAZZELLI (Org). **Ciências Humanas: Pesquisa e Método**. Porto Alegre, 2008.
- OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. São Paulo: Ed.Unesp, 2000.
- SOUSA, A. **Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais**. Habitus, Goiânia, V. 3, N. 2, p. 291-300, 2005.